Edmundo Brandão Dantas

Versos nus

1ª Edição

Edição do Autor
Brasília, 2019

Copyright © 2019 *by* Edmundo Brandão Dantas

Todos os direitos desta edição reservados à
Eu Sozinho Editora

Projeto gráfico, diagramação, revisão e capa
Edmundo Brandão Dantas

Imagem da capa: O Autor.

Dados de catalogação

Dantas, Edmundo Brandão

Versos nus/ Edmundo Brandão Dantas. – Joinville:
Clube de Autores, 2019 1 ed.
ISBN: 978-85-906711-2-1

1. Versos nus 2. Poesia mineira 3. Poemas 4. Literatura Brasileira II. Título.

EU SOZINHO EDITORA
Diretor Editorial: *Edmundo Brandão Dantas*.
SQSW 105, Bloco B, Apt. 102 – Sudoeste
70670-422 – Brasília – DF
Tel.: (61) 99981-8582
edmundod@terra.com.br

O material a seguir é propriedade intelectual de **Edmundo Brandão Dantas**. Sua reprodução ou utilização sem autorização expressa, por escrito, do Autor, será considerada violação dos direitos do autor, conforme previsto na **Lei nº 9.610/98**, que define esses atos como crime estabelecido pelo **artigo nº 184 do Código Penal**.

Prefácio

Mais uma vez exponho a minha alma.

Às vezes dominado pela linguagem suave dos amantes, às vezes pelo discurso triste dos momentos, às vezes pela veia mais crítica dos inconformados.

Trocando em miúdos, aqui expõe-se o ser humano em toda a sua extensão, sem rodeios, a navegar por extremos que vão desde o prazer pleno à mais absoluta indignação. A motivação pra isso tudo? A vida.

O amor que nutro por minha mulher, e que tenho grande orgulho de declarar, está mais do que explícito: muitos dos poemas aqui apresentados são escritos para ela, e saem bem lá do fundo de meu coração.

Igualmente, exponho meu modo de pensar sobre certas coisas, que contemplam grande parte das inquietações a que a vida de hoje nos expõe: navego pelo meio ambiente, pelos costumes, pelas descobertas mais ousadas, pelos desejos, pelos sonhos; caminho pelas esperanças e pelas frustrações, pelas belezas e descompassos desses nossos dias, pela simplicidade e pela complexidade dos momentos pelos quais passamos; questiono o desgoverno pelo qual passa nosso país, tão cheio de riquezas, tão pobre politicamente. Nunca pensei, sinceramente, que um dia pudesse ver um país tão promissor como o nosso vivendo uma crise tão

profunda, tanto do ponto de vista econômico, quanto do político e, o que é pior, do ético.

O longo poema que encerra este livro, “Pátria Amada Brasil”, reflete minha angústia e minha raiva com a situação a que nos submetem os que estão no poder, neste terrível ano de 2019. Preferiria, sinceramente, ter escrito um poema mais positivo sobre o Brasil. Mas meu coração anda muito angustiado. Ainda que muitos não imaginem, poeta sofre bastante.

Acho que, felizmente, ainda não perdi totalmente a confiança nessa nossa sofrida Pátria. Mas, faço questão de frisar, que, atualmente, não confio em **nenhum** político brasileiro. Isso, que é muito ruim, infelizmente, transparece em alguns de meus poemas mais recentes.

Com esse rápido desabafo, apresento a vocês este meu novo livro de poemas.

Espero que leiam, que gostem e que não desanimem. Como disse Martin Luther King, “A escuridão não pode expulsar a escuridão, apenas a luz pode fazer isso. O ódio não pode expulsar o ódio, só o amor pode fazer isso.” Um dia, se Deus quiser, conseguiremos, com o amor, expurgar o ódio que grassa em nosso país nesses dias escuros.

O Autor.

Sumário

Prefácio	3
Água	11
Pelo céu	12
Branco negro	13
Estúpida manhã	14
Falta de educação	15
Doente	16
Insana paixão	17
Luz clara	18
Inspiração	19
Vira e mexe	20
Sensação estranha	21
Nunca me vi assim	22
Foi bom	23
Vertigem	24
Imoral	25
Um dia talvez, quem sabe	26
Sílfide	27
Mar, amar, onda do mar	28
Sete dias	29
Alicerce	30
Um encontro tímido com a verdade	31
Um vento que me açoita	32
Mais simples impossível	33
Escorregada	34
Cadê a luz?	35
Tremeluzir	36
Parque, quarto de hotel	37
Por que esse amargor, com tanta doçura?	38
A túnica do nu	39
Nervura	40
Atrás do vento que te descobre	41

Sumário (continuação)

Pernas de veludo	42
Alfazema	43
O matiz de teu corpo	44
Ainda preciso dizer?	45
Não consigo ser amargo	46
Talvez pensem	47
Extremos	48
Entre a tarde e a noite	49
O que faremos hoje?	50
Banho	51
O crepúsculo do guerreiro	52
Ângulo	53
Meio pau a meia luz	54
Coágulo	55
Prêmio por tanto amar	56
E se não há você?	57
Link	58
Esse aperto no peito	59
A manhã mandou dizer que não está	60
Permita-me sentir o chão	61
Advinha o que se esconde em mim	62
Desprezo	63
Ali é bem aqui	64
Esconderijo de mim mesmo	65
Fuligem	66
Falta de coragem	67
Depois que o sol se põe	68
É assim que tento dormir	69
Depois de tudo, ninguém se lembra	70
Às vezes	71
Reticências	72

Sumário (continuação)

Deselegância	73
Aperte o play	74
Caracol	75
Cadê o porto?	76
E se a gente fosse feliz?	77
Fogueira	78
Somente sua paixão me diverte	79
Abra o cadeado	80
Destudo	81
Desnada	82
Destudo e desnada	83
Canteiro da alma	84
Um olhar para o amanhã	85
E agora?	86
Quanta luz desperdicei	87
Terreno baldio	88
Desfiladeiro	89
Quem sabe um dia	90
Será mesmo que ainda existo?	91
Hip hop	92
Orgulho	93
Rithm And Poetry	94
Estridor	95
Apesar de tudo	96
Os cem dias do Brasil	97
A ignomínia dos asnos	98
Refúgio	100
Oferenda	101
Gatilho	102
Sexta-feira santa	103
Carniça	104
O orgulho de certos poetas	105
Ainda bem que tenho você	106
Teologias de ameaças	107

Sumário (continuação)

Buraco negro 108
Ordem unida 109
Desconchavo 110
Um olhar sobre o futuro do País do Futuro 111
Irmãos Metralha 112
Terno 113
Ufa! 114
Silogismo 115
Poema para poucos 116
Se não me entendem, não me questionem 117
Cadeado 118
A baba podre da falsa democracia 119
A boca dos covardes 120
O porvir 121
Impulso e cegueira 122
Spoilt brat 123
O professor que eles querem 125
Esplim 126
A filosofia torta que inspira os idiotas 127
Sentença 128
Rimas sem solução 129
Devaneio 130
A pergunta que não quer calar 132
Vislumbre 133
Balada 134
Pátria Amada Brasil 135
Sobre o autor 149

O Brasil estaria melhor se houvesse homens de bem com a mesma ousadia dos canalhas.

Nelson Rodrigues

Água

A primeira gota
Lava a sujeira do mundo.
A segunda,
O falso-moralismo.
A terceira
Mata a nossa sede
E se junta às demais
Para tornar-se rio.

O homem,
Que quer continuar
Sujo e falso-moralista,
Polui o rio
Achando que pode tudo.

A água,
Benção da natureza,
Finge que se deixa
Escravizar pelo homem;
Mas, só finge,
Só finge.

Pelo céu

Pelo céu
Vagam as estrelas,
A luz do sol,
O brilho da lua,
Os planetas
Que flutuam
No vácuo
Do infinito.

O céu também
É caminho de anjos,
Dos sonhos
Da gente,
Que acredita
Em alguma razão
Para estar aqui
Em baixo.

Branco negro

Sou negro,
Sou branco,
Mas não trago
O ódio
Dos ativistas,
Nem a submissão
Dos mestiços,
Tão alardeada
Pelos *rappers*.
Apenas tento
Ser digno,
Branco,
Negro,
Mestiço,
Em paz.

Estúpida manhã

Eis que levantamos
E abrimos a janela do quarto,
E um teatro atípico
Nos impõe a vida.
Depois de benéfica chuva,
Uma estupenda manhã, linda,
De verdes e de céus azuis,
Mas falta alguma coisa aí.